

20-05-2024

## Abril de literatura indígena

### Damiana Pereira de Sousa

[Professora e pesquisadora de literatura indígena]

O mês de abril terminou, mas a luta indígena continua. Escrevo esse texto em 1º de maio, dia do trabalhador e da trabalhadora. O conteúdo é sobre o abril indígena, o abril de literatura indígena. Durante todo o mês acompanhei a escritora makuxi, Julie Truduá Dorrico indicar obras da literatura indígena e decidi trazer para os leitores e leitoras dessa coluna um compilado dessas indicações. Abril é o mês da resistência indígena e por isso é necessário reafirmar a grande diversidade de povos, desconstruir estereótipos e lutar contra toda e qualquer forma de opressão e violência. A literatura indígena contemporânea é esse fenômeno em que as produções estético-literárias indígenas possuem o intuito de crítica social, resistência cultural, luta política e práxis pedagógica em torno da causa-condição indígena. Nessa crônica destacarei, comentando um pouco sobre cada uma das três primeiras obras indicadas pela autora makuxi.

A primeira obra - autobiográfica/testemunhal - o [depoimento de Gabriel Viriato Raposo](#) sobre as resistências makuxi. Partilhado em 1965 com o padre Sabatini Silvano (missionário da Consolata que atuou em Roraima durante a década de 1960), resultou na publicação “*Retorno à maloca*” (*Ritorno alla maloca*, Bologna, Itália: EMI, 1973). Repleta de espiritualidade, política e história, o livro mostra a voz poética indígena sempre coletiva. Raposo discorre sobre vários temas relativos à cosmologia, mitologia e organização social Makuxi, além de fornecer narrativas a respeito da chegada do branco, da invasão das terras indígenas por fazendeiros de gado. Narra também a emergência de religiões proféticas entre os Makuxi e Akawaio, fruto do contato com missionários cristãos de diferentes igrejas.

A segunda indicação de leitura, “*O livro das árvores*” de autoria coletiva do povo Ticuna, inicia assim “*A floresta é a coberta da Terra. Aqui nós nascemos. Aqui viveremos para sempre*”. O trecho de abertura diz muito do conteúdo do livro, poético e artístico com muitas ilustrações. Dorrico a considera uma obra completa, pois fala da relação das árvores com a floresta. Os Ticuna dizem que as árvores existem há muitos anos no mundo, inclusive, antes da existência do povo Ticuna. Ou seja, as árvores são ancestrais e estão na origem desse povo. Destaca também a relação das árvores com as aves, com os cipós das plantas que vivem a partir das árvores, das árvores com os *encantados*, seres, espíritos que vivem nas árvores e as protege. Existem e coexistem com as árvores, e podem se estender para tudo que existe na floresta (como no poema final). É obra para ser utilizada na sala de aula, com as crianças, com os adultos e na pesquisa, pois ilustra como é possível estudar literatura e ciência. Adentre na cosmologia do povo Ticuna! ([Instituto Socioambiental](#)).

A terceira obra indicada - o romance “*A filha do guardião do fogo*, de Angeline Bouley - escritora Chippewa dos Estados Unidos da América, membra registrada do povo *Sault Ste. Marie* de indígenas Chippewa. Seu romance foi classificado entre os 100 melhores para jovens adultos de todos os tempos pela revista *Time*, *best-seller* pelo *New York Times*.

Será adaptado como minissérie pela *Higher Ground* (produtora de Barack e Michelle Obama) a ser exibida pela Netflix. Premiado, em 2022, com o *Michael L. Printz* de literatura para jovens adultos, o “*William C. Morris*”, o *American Indian Youth Literature Award* [Prêmio de Literatura Juvenil Indígena Americana]. Dorrico destaca a importância do fortalecimento do projeto coletivo de literatura indígena trans-hemisférica, conceito trabalhado por Emil’ Keme (*Maya K’iche*), membro do coletivo anticolonial maia *Ixb’alamkyej Junajpu Wunaq* e professor titular da Universidade da Carolina do Norte/Chapel Hill/EUA. Quer dizer, uma produção de conhecimento indígena independente das linhas e mapas geopolíticos coloniais.

“*Nos ensinamentos Ojibwe, todas as jornadas começam ao leste*”. Esta é a epígrafe do romance que conta a história da *Daunis Fontaine* que vive em dois mundos, mas se sente uma estranha em ambos. Aos dezoito anos, a jovem se vê eternamente dividida entre a família da mãe (branca e conservadora) e a do pai, pertencente aos indígenas da reserva *Ojibwe/Sugar Island/Michigan*. A história, impactante, mergulha nas experiências de uma jovem indígena que fará de tudo para proteger seu povo e sua família. A história é visceral, comovente e envolvente. Para aguçar ainda mais a curiosidade de vocês, caros leitores (as), vejam o recadinho deixado pela autora: “*Existe uma diferença entre escrever sobre trauma e escrever uma tragédia. Eu busquei escrever sobre trauma, perda, injustiça e luto. E também sobre amor, felicidade, conexões, resiliência, amizade, esperança, alegria e a beleza e a força do meu povo, Ojibwe Mazina’igananmino Mshkiwinaawen. Livros são cura!*”

Essa história é um convite para conhecer a força da ficção da literatura indígena nesse caráter de indigenidade trans-hemisférica, de que falam Emil’ Keme e os indígenas do Canadá em luta pela representação similar ao que vem acontecendo no Brasil, pontua Dorrico. São mais de 400 páginas de muita emoção. É, de fato, uma obra espetacular e que prende nossa atenção da primeira à última página.

Leiam! Devorem! Compartilhem!

E viva a literatura indígena! Livros são cura!!!

**AS ÁRVORES E SEUS DONOS**

*A floresta é a coberta da terra.*

*É a casa dos animais.*

*É onde nós vivemos.*

*É onde também vivem os seres.*

*Alguns desses outros seres nós chamamos de nanatü,  
que significa “dono”, “pai” ou*

*“mãe” das árvores, dos animais, dos peixes, das águas.*

*São seres que cuidam há milhares de anos  
de tudo que existe na natureza, assim como nós  
Cuidamos de nossos filhos e de nossas roças.*

*O buritizal tem dono,*

*O açaizal tem dono,*

*O seringal tem dono,*

*O caranazal tem dono,*

*A sumaumeira tem dono,*

*A sorveira tem dono.*

*O livro das árvores* (Povo Ticuna)

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.